

A manifestação do espírito cruzadístico através da assimilação negativa do “outro” mexica: a alteridade na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)*

Guilherme Queiroz de Souza

Mestrando em História - Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ - Bolsista Capes/Reuni
guilhermehistoria@yahoo.com.br

Resumo:

Este artigo analisa como a alteridade dos conquistadores no contato com os mexicas foi assimilada negativamente durante as etapas finais da expedição contra o México-Tenochtitlán (1519-1521), inflamando o espírito cruzadístico dos “espanhóis”. Fundamentalmente a partir do início dos combates, aproximado com o tradicional inimigo, os mexicas foram tratados pelos conquistadores da mesma forma que o “outro” já conhecido e mais odiado, principalmente o secular adversário islâmico. Para essa apreciação, nosso *corpus* documental se concentrou principalmente em alguns relatos dos “soldados-cronistas” que participaram da expedição. Nossa abordagem teórica seguiu os parâmetros apresentados por Hernán Taboada (contexto e conjuntura) e por Tzvetan Todorov (conceito de alteridade).

Palavras-chaves: alteridade, cruzada, conquista de México-Tenochtitlán.

Abstract:

This article analyzes how the alterity of the conquerors in contact with the mexicas was assimilated negatively during the final stages of the expedition against Mexico-Tenochtitlán (1519-1521), that ignite the crusader's spirit of the “Spaniards”. Fundamentally after the beginning of the combats, approximate with the traditional enemy, the mexicas were treated by the “Spaniards” as the same form as the “other” already known and more hated, mostly the secular Islamic adversary. For this appreciation, our documental *corpus* concentrated principally on some reports of the “chroniclers-soldiers” who take part in the expedition. Our theoretical approach followed the parameters presented by Hernán Taboada (context and conjuncture) and by Tzvetan Todorov (concept of alterity).

Keywords: alterity, crusade, Mexico-Tenochtitlan conquest.

As primeiras impressões do “outro” mesoamericano

Este artigo analisa principalmente as crônicas dos “soldados-cronistas” “espanhóis”¹ da conquista de México-Tenochtitlán sem, no entanto, descartar outras obras contemporâneas à expedição. Nossa intenção é ampliar a discussão sobre como a questão da alteridade pesou no desenrolar da guerra contra a civilização mexica. Para tanto, servimo-nos em termos teóricos principalmente das observações contextuais e conjunturais feitas por Hernán Taboada na obra *La sombra del Islam en la conquista de América* e na ampla discussão conceitual sobre alteridade realizada por Tzvetan Todorov em *A conquista da América: a questão do “outro”*.

Os séculos iniciais da exploração do continente americano, considerado exótico e desconhecido pelos europeus, foram marcados por um contato extraordinário de civilizações distintas culturalmente. Tal contato possibilitou-nos a análise da alteridade,² perspectiva na qual privilegiamos o ponto de vista hispânico perante o nativo mesoamericano, particularmente o mexica.

Durante a exploração e conquista da América, a lembrança específica dos mouros e judeus era causada devido ao convívio com a cultura judaico-muçulmana por séculos na Península Ibérica

medieval. Desde o primeiro encontro com os povos da Mesoamérica, efetuado na quarta viagem (1502-1504) de Cristóvão Colombo (1451-1506), a comparação, principalmente com os mouros, já era realizada. Neste episódio, o almirante genovês e seu filho, o jovem Hernando Colombo (1488-1539), se depararam com uma embarcação nativa (possivelmente maia) na qual “*las mujeres se tapaban la cara y el cuerpo como hemos dicho que hacen las moras en Granada*”.³

As primeiras expedições que desembarcaram na costa mesoamericana seguiram a mesma tendência comparativa. Em 1517, os conquistadores comandados por Francisco Hernández de Córdoba (1475-1518), ainda a bordo dos navios, observaram uma “*gran población y no habíamos visto en la Isla de Cuba ni en la Española pueblo tan grande, le pusemos por nombre el Gran Cairo*”.⁴

Na expedição do ano seguinte comandada por Juan de Grijalva (c. 1489-1524), o capelão Juan Díaz (1480-1549), que mais tarde também acompanharia a empreitada de Hernán Cortés (c. 1485-1547), sugeriu hipóteses sobre a origem de certas práticas nativas:

Y es de saber que todos los indios de la dicha isla están circuncisos; por donde se sospecha que cerca de allí se encuentren moros y judíos, [por] que afirman los susodichos indios que allí

¹ Escolhemos o termo “espanhóis” (entre aspas), em referência aos conquistadores provenientes da Hispânia. Contudo, trata-se de uma imprecisão, pois existiam e existem particularismos regionais na Espanha, que a união entre Castela e Aragão em 1474 não conseguiu apagar. De fato, os homens que formavam o exército de Cortés eram provenientes de regiões distintas culturalmente como a Biscaia (atual província do País Basco), Astúrias, Andaluzia e Extrema-dura: “hubo [na tropa de Cortés] (...) vizcaínos, montañeses, asturianos, portugueses, andalu-ces y extreme-meños” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez. *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 163.

² De acordo com Tzvetan Todorov, a alteridade se baseia na noção de que “somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos. (...) Ou pode ser exterior a ela [sociedade], uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua” – TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 03.

³ COLÓN, Hernando. *Vida del Almirante*. Editado por Ramón Iglesia. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 275.

⁴ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 02, p. 05.

cerca había gente que usaban naves, vestidos y armas como los españoles⁵ (grifo nosso).

A impressão sentida por Juan Díaz de que todos os índios se circuncidavam deriva da equivocada interpretação dos rituais nativos nos quais os sacerdotes *totonacas* da região retiravam sangue das áreas genitais em oferenda.⁶ Vemos, desse modo, que os “espanhóis” suspeitavam da existência, nas proximidades, de comunidades mouriscas e/ou judaicas que influenciavam os nativos, e não uma equivalência de identidade entre os grupos.

Entre o final do século XV e as primeiras décadas do século XVI, os europeus acreditavam explorar certas ilhas frente à costa da Índia e não um novo continente (a Península do *Yucatán* era chamada de *Isla de Santa María de los Remedios*).⁷ Colombo, por exemplo, acreditou em 1497 que a Península Arábica entrava no perímetro dos territórios da coroa hispânica e, em sua quarta viagem, levou dois intérpretes árabes para facilitar as comunicações.⁸

A perspectiva de uma “contaminação” islâmica nos nativos ocupava espaço nas crônicas e mentes dos primeiros cronistas e exploradores. A razão disso se deve às primitivas crenças sobre o caráter asiático da América.⁹ Assim, o continente foi povoado por camelos, soberanos com haréns, homens circuncidados usando barba, etc.¹⁰

Devemos lembrar que nessa época ainda não se tinha a idéia de que esses territórios formavam parte de um novo continente e que existia um enorme oceano – o Pacífico (*Mar do Sul*) – que o separava da Ásia. A primeira viagem ao redor do mundo (1519-1522), iniciada por Fernão de Magalhães (1480-1521) e finalizada por Juan Sebastián Elcano (c. 1486-1526), contribuiu para essa revelação. Também, a fulminante expansão turco-otomana fez com que os europeus temessem e imaginassem que o avanço islâmico já tinha atingido o extremo asiático.¹¹ Em 1498, Vasco da Gama (1469-1524) tinha mostrado a extensão do Islã no Índico.¹²



Mapa-múndi *Universalis Cosmographia* (1507) do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (c. 1475-1522). O mapa original se encontra na Biblioteca do Príncipe de Waldburg-Wolfegg-Waldsee, no castelo de Wolfegg, em Württemberg, Alemanha. Imagem disponível em: <http://www.henry-davis.com/MAPS/Ren/Ren1/310.html>

Pouco antes do início da expedição de Cortés, o “soldado-cronista” Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584), surpreso com os objetos trazidos pelas expedições anteriores que ele tinha participado, comentou admirado:

Y como vinieron los ídolos de barro y de tantas maneras de figuras, decían que eran de los gentiles. Otros decían que eran de los judíos que desterro Tito y Vespasiano de Jerusalém, y que los echó por la mar adelante en ciertos navios que habían aportado en aquella tierra.¹³

O trecho supracitado demonstra claramente que, se tratando do período colonial (Bernal Díaz escreve sua *Historia verdadera* após 1550), não podemos descartar a crença de que os mesoamericanos eram de fato judeus ou mouros. Na Nova Espanha colonial, muitos clérigos como Diego Durán (c. 1537-1588) confessaram acreditar que os mexicas descendiam das tribos perdidas de Israel. Tal argumento pretendia “restabelecer a unicidade da história do mundo e a descendência comum de Adão para todo o gênero humano”.¹⁴ No primeiro capítulo de sua *Historia de las Indias de la Nueva España* (1579-1581), o dominicano Durán registrou sobre os mexicas:

(...) podríamos ultimadamente afirmar ser naturalmente judíos y gente hebrea, y creo no incurriría en capital error el que lo afirmase, si considerado su modo de vivir, sus ceremonias, sus ritos y supersticiones, sus agüeros y hipocresías, tan emparentadas e propias de las de los judíos, que en ninguna cosa difieren¹⁵ (grifo nosso).

A alteridade expressa na conquista de México-Tenochtitlán

Durante a conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521), o “soldado-cronista” Francisco de Aguilar (1479-1571) tentou entender os mexicas com modelos disponíveis (conhecidos), e rapidamente lembrou das civilizações greco-

⁵ DÍAZ, Juan. *Itinerario de la armada del rey católico a la isla de Yucatán, en la India, el año 1518, en la que fue por comandante y capitán general Juan de Grijalva*. Edição de Germán Vázquez. La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 57.

⁶ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994, p. 143.

⁷ Para mais sobre a defesa desse argumento, ver WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacía papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 200.

⁸ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004, p. 131-132.

⁹ O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 100 e 104.

¹⁰ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 221.

¹¹ Como relata o cronista Fran-cisco López de Gómara, em meados do século XVI, “Solimán [Suleiman, o Magnífico, 1520-1566] turca, ha procurado también echar de Arabia y de la India a los portugueses para coger él este negocio de las especias, y no ha podido, aunque juntamente con ello pretendía danar a los persianos, y extender sus armas y nombre de allá” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 186-187.

¹² TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 131-132.

¹³ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 06, p. 13. Bernal Díaz refere-se à expulsão dos judeus de Jerusalém (70 d.C.). Em 66 d.C., os judeus haviam se rebelado contra o domínio romano e logo foram reprimidos pelo general Vespasiano (09-79), mais tarde Imperador romano (69-79). Ao se tornar Imperador, Vespasiano ordenou que seu filho mais velho, Tito (c. 39-81), continuasse a campanha contra os judeus. Em 70 d.C., os romanos tomaram Jerusalém e destruíram o templo de Herodes. Muitos judeus abandonaram a região. Para mais sobre o assunto, ver JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

¹⁴ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994, p. 297.

¹⁵ DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme*. México, D. F.: Imprenta de J. M. Andrade y F. Escalante, Tomo I, 1867, Cap. I, p. 17.

romana e persa, que suas leituras desde tenra idade haviam conservado em sua memória:

(...) digo, pues, que yo desde muchacho y niño me ocupe en leer y pasar muchas historias y antigüedades persas, griegas e romanas; también he leído los ritos que había en la India de Portugal, y digo cierto que en ninguna de éstas he leído ni visto tan abominable modo y manera de servicio y adoración como era la que éstos hacían al demonio (...)¹⁶

No entanto, o padrão comparativo preferido era outro. Para os “espanhóis”, judeus e mouros representavam os dois únicos povos que podiam ser simultaneamente diferentes – não cristãos e com civilidade –, ao contrário dos negros da Guiné, dos nativos das Canárias (os guanchos) ou dos índios das Antilhas.¹⁷ Os mexicas rapidamente foram enquadrados nesse mesmo estágio civilizacional pelos conquistadores: Cortés, por exemplo, os descreveu como superiores no plano intelectual e comportamental, e os considerava com “*mucha más capacidad que (...) los de las otras islas [Antilhas]*”.¹⁸

No início da expedição cortesiana, os *tlaxcaltecas* (aliados dos conquistadores) tinham sido comparados no âmbito comportamental aos africanos: “*entre ellos hay toda manera de buena orden y policía, y es gente de toda razón y concierto, y tal que lo mejor de África no se le iguala*”.¹⁹ Os oriundos “de África” referidos por Cortés possivelmente não são os homens provenientes da África Negra (subsariana), mas os naturais do norte do continente, região composta por populações em sua maioria islamizadas como os berberes.²⁰ A comparação islâmica possuía um grande prestígio que os conquistadores deveriam igualar em terras americanas.²¹

Igualmente, a forte religiosidade dos nativos formou um acontecimento novo, pois os “espanhóis”, à exceção do contato com os mouros e judeus, não estavam habituados em confrontar uma civilização predominantemente urbana e cujos membros tinham a reputação de serem os índios mais religiosos do México central.²² A enorme quantidade de templos e imagens religiosas certamente impressionou os “espanhóis”. A capital mexica, *Tenochtitlán*, possuía um amplo centro de cerimônias disposto em torno de um grandioso santuário, o “Templo Maior”, composto de 78 templos e edifícios religiosos.²³ Cortés assinalou:

Hay en esta gran ciudad [Tenochtitlán] muchas mezquitas o casas de sus ídolos de muy hermosos edificios, por las colaciones y barrios de ella (...) y entre estas mezquitas hay una que es la principal que no hay lengua humana que sepa explicar la grandeza y particularidades de ella (...)²⁴



Visita de Hernán Cortés a Montezuma e o recebimento no palácio. Obra dos pintores Miguel e Juan González (1698). O original se encontra no Museu de América de Madrid. Imagem disponível em Oronoz: <http://www.oronoz.com>

No decorrer dos relatos, diversas vezes os conquistadores se referiam aos locais com nomes de cidades muçulmanas ou portadoras de suas peculiaridades: “*un pueblo que allí cerca estaba (...) le pusimos por nombre el Pueblo Morisco*”.²⁵ Além disso, observaram costumes como a poligamia dos mouros entre os mexicas: “*Tienen muchas mujeres como los Moros*”.²⁶

Aqui, gostaríamos de esclarecer uma curiosa afirmação do historiador Hernán Taboada. De fato, durante o período de conquista e colonização do Novo Mundo, os conquistadores acabaram adotando ou repudiando certos costumes nativos. No entanto, para Taboada, por séculos uma das formas que os cristãos se distinguiam dos muçulmanos e/ou judeus era pela ausência de barba. Ao chegarem à América, os exploradores notaram a falta de pilosidade dos nativos. Como pretendiam manter também a diferença com esse novo adversário, começaram a usar barba, quero dizer, para se distinguir não mais dos judeus e mouros, mas dos índios.²⁷

Na realidade, embora a barba fosse um costume judaico-muçulmano secular, ela foi adotada por muitos cristãos europeus ainda na época das Cruzadas.²⁸ Em Portugal, por exemplo, desde o século XIII, barbas longas, moda trazida pelos cruzados para o Ocidente cristão, era um costume típico da cavalaria-vilã, embora fosse motivo de escárnio da nobreza e reprovação da Igreja.²⁹

Da mesma forma que lembraram do “Grande Cairo” (expedição de Córdoba), na campanha de Cortés outra cidade islâmica foi mencionada – Granada, referência próxima nas mentes hispânicas de uma sociedade não cristã, mas organizada:

La cual ciudad [Tlaxcala] es tan grand y de tanta admiración (...) porque es muy mayor que Granada y muy más fuerte y de tantos edificios y de muy mucha más gente que Granada al tiempo

¹⁶ AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 204-205.

¹⁷ BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP 2001, p. 313-314.

¹⁸ CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 171.

¹⁹ CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 41.

²⁰ Acreditamos que Cortés se refere ao norte do continente africano. A partir do século XIII, essa região aparece cada vez mais denominada de “África” (substituindo o antigo termo, *Aethiopia*). Em relação aos negros subsarianos (não islamizados), de acordo com Anderson Ribeiro Oliva, “com as navegações europeias ao longo dos séculos XV e XVI encontramos, na literatura de língua portuguesa, o termo *guinéus* (‘homens de cor negra’) para referir-se aos africanos negros da costa da África Ocidental, e Guiné, para denominar à área como um todo” – OLIVA, Anderson Ribeiro. Da Etiópia à África: as idéias de África, do Medievo europeu à Idade Moderna. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 5, ano 5, número 4. Outubro/novembro/dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF/17/ARTIGO_02_ANDERSON_RIBEIRO_OLIVA_FENIX_OUT_NOV_DEZ_2008.pdf>.

²¹ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 208.

²² SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 63.

²³ GRUZINSKI, Serge. *Passagem do Século: 1480-1520 – as Origens da Globalização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 81.

²⁴ CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 64.

²⁵ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 140, p. 296.

²⁶ CONQUISTADOR ANÔNIMO. *Relación de algunas cosas de la Nueva España, y de la gran ciudad de Temestán México*; escrita por un compañero de Hernán Cortés. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*. México, D. F.: 1866. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/106922752100647273089079/p0000004.htm#7>>

²⁷ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 232.

²⁸ Por exemplo, após a chegada de cruzados itálicos em Acre (agosto, 1290), um massacre de mercadores e camponeses muçulmanos foi perpetrado e, “como convençionou-se que todos os homens de barba deviam ser muçulmanos, muitos cristãos locais tiveram a mesma sorte” – RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas III - O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas*. São Paulo: Imago, 2003, Vol. III, p. 358.

²⁹ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 111.

³⁰ CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 41.

que se ganó [janeiro, 1492], y muy mejor abastecida de las cosas de la tierra (...)30

No entanto, nem todas as localidades referidas eram derivadas de comparações muçulmanas. Além de Granada, outras cidades da Hispânia foram mencionadas, apesar de encontrarem-se recuperadas pelos cristãos havia séculos no processo de Reconquista, como Córdoba (1236) e Sevilha (1248). Segundo Cortés, *Tenochtitlán* era “*tan grande de la ciudad como Sevilla y Córdoba*”.31

Recentemente, a afirmação do historiador francês Jacques Lafaye de que “*la continuidad entre la guerra de moros y la guerra de indios era tan evidente que los Conquistadores llamaron mezquitas a los templos paganos del Nuevo Mundo*”,32 foi criticada por Taboada, que a classificou de inexata. O historiador mexicano propõe uma relativização do tradicional conceito de que os primeiros conquistadores enxergaram os nativos como simples reflexo do tradicional inimigo islâmico: essa perspectiva se existiu, foi estritamente inicial e limitada, pois as comparações também existiam com civilizações (reais ou imaginárias) da Antigüidade clássica,33 do mesmo modo que defende outro pesquisador, Tzvetan Todorov.

O argumento de Todorov igualmente afasta-nos da vertente exclusivamente muçulmana da comparação. Segundo o lingüista búlgaro, não só ocorriam paralelismos com o “outro” mais próximo geograficamente e familiar, ou seja, o muçulmano; mas, também, para descrever os índios, os conquistadores buscam comparações que encontram prontamente na Antigüidade, isto é, em sua própria história pagã (greco-romana).34 Seguindo essa perspectiva, não acreditamos, evidentemente, que os “soldados-cronistas” (Cortés, Bernal Díaz, Aguilar e o “Conquistador Anônimo”) confiassem na equivalência de identidade entre os nativos e os muçulmanos.

De fato, os “soldados-cronistas” descreveram culturalmente os nativos com outras projeções: foram empregados termos mesoamericanos (ou de origem *nahuatl*),35 antilhanos,36 ou de sua própria cultura (cristã-ocidental): “*más a vista de la dicha ciudad [Tenochtitlán] parecieron en ella grandes torres e iglesias a su modo, palacios e aposentos muy grandes*”.37 (grifo nosso)

No entanto, o uso de termos de origem árabe (arabismos) em determinadas situações são exemplos claros de qual projeção os conquistadores preferiam (devido ao prestígio) realizar para com a civilização de México-*Tenochtitlán*. Entre esses termos, encontramos, por exemplo, *albornoz* (vestimenta), *alquicel* (capa mourisca), *mezquita*, dentre muitos outros.38 Para os “espanhóis”, o vestuário e a arquitetura mourisca eram os principais símbolos de uma

civilização exótica e sofisticada; o Alhambra (palácio muçulmano) não tinha sido preservado após a captura de Granada por acaso.

A assimilação negativa do “outro” mexica

Apesar dos cristãos ibéricos terem eliminado Granada – última unidade política muçulmana independente da Hispânia – muitos maometanos permaneceram no território, onde o medo entre vencidos e vencedores se mantinha. Os mouriscos, ou seja, os mouros obrigados a se converter após o Édito de Cisneros (1502), nutriam certas relações com os muçulmanos do norte da África e, à medida que o domínio marítimo dos turcos e berberes se consolidou no Mediterrâneo (ao longo do século XVI), o perigo otomano cresceu na Espanha. As rivalidades e rixas ocasionaram a revolta islâmica em Granada (1568) e, conseqüentemente, a decisão de Filipe III (1598-1621) em expulsar definitivamente os mouriscos (1609).39

Dessa forma, o sentimento anti-islâmico ainda predominava nas mentes dos conquistadores. Ademais, o modelo muçulmano era o mais invejado, uma vez que a civilização islâmica era detentora de riquezas exóticas e, desde a Alta Idade Média, era conhecida e encarada face-a-face pelos cristãos europeus. Também, foi ao longo do século XVI que, gradativamente, a literatura hispânica preferiu escrever sobre os turcos e os mouros – o “descobrimento” da América foi contemporâneo ao “descobrimento” literário do Islã.40

Se, em algum caso, a questão da alteridade foi assimilada negativamente no contato com o ameríndio, tal perspectiva tenderia a aumentar ainda mais o espírito cruzadístico dos conquistadores. Na Europa do século XVI, o cronista Francisco López de Gómara (1511-1566), mesmo sem nunca pisar em solo americano, declarou: “*comenzaron las conquistas de indios acabada la de moros, porque siempre guerreasen españoles contra infieles*”.41 O autor também lembrou o caso de Pedrarias Dávila (c. 1440-1531), governador da Castela de Ouro que desejava “*guerrear con los indios, pues llevaba gana de toparse con ellos, ya que había estado en Orán y otras tierras de Berbería*”42 em guerra com os muçulmanos. Neste sentido, Pedrarias foi um paradigma da transferência do ideal de cruzada, pois combateu os mouros e, posteriormente, os índios, manifestando em seu espírito guerreiro fundamentalmente o mesmo sentimento nesses enfrentamentos.

O cerne da questão reside no fato dos “espanhóis”, ao compararem as características dos mexicas às dos inimigos tradicionais da Cristandade (judeus e mouros)43 especialmente durante a

31 CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 62.

32 LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991, p. 143.

33 TABOADA, Hernán G. H. *Mentalidad de Reconquista y primeros conquistadores*. *Revista de Historia de América*, 2004, p. 01-04. Disponível em: <www.accessmylibrary.com/coms2/browse_11_157>

34 TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 105.

35 TABOADA, Hernán G. H. *Mentalidad de Reconquista y primeros conquistadores*, p. 02.

36 Curiosamente, ao analisar as *Cartas de Relación* de Cortés, Raymond Marcus percebeu que os “indo-americanismos” (antilhanos e mesoamericanos) eram quantitativamente mais numerosos em comparação aos “arabismos” – MARCUS, Raymond. *Arabismos e Indo-America-nismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortes*. In: *Revista 78*, Rio de Janeiro, 110, jul-set, 1992, p. 133.

37 AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 178.

38 Para uma lista dos arabismos, ver MARCUS, Raymond. *Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortés*, p. 131-140.

39 DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 273-274.

40 TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 226.

41 LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 06.

42 LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias (Primera Parte)*, p. 115. Além de combater os mouros na fase final da Reconquista, Pedrarias se destacou nas guerras contra os muçulmanos no norte da África. Em 1509, participou da tomada da fortaleza de Bujia (atual Bejaia) e, no mesmo ano, auxiliou as tropas hispânicas sob o comando do cardeal Gonzalo Jiménez de Cisneros (1436-1517) e de Pedro Navarro (c. 1460-1528) a conquistarem Orán, cidade localizada no noroeste da Argélia. Após 1514, já em território americano, lutou contra índios da América Central. “Berbería”, por sua vez, era o termo utilizado no século XVI pelos europeus em referência às regiões costeiras das atuais Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia.

43 Em outra oportunidade, dessa vez na conquista do *Tawantinsuyu (Mundo Inca)*, López de Gómara afirmou que “*los de allí [os incas] son idólatras muy crueles, viven como sodomitas, hablan como los moros, y parecen judíos*” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia General de las Indias (Primera Parte)*, p. 217 (grifo nosso).

guerra, projetaram nesse novo adversário uma reformulação do ideal de cruzada formado durante o período medieval. Para os cristãos ibéricos da Alta Idade Média, na constituição da mentalidade cruzadística, o judeu foi um importante referencial de diferenciação. Não nos esqueçamos que, na esteira da consolidação da ideia de cruzada, os judeus também sofreram nas mãos dos cavaleiros e populares cristãos (os pogroms).⁴⁴ O “outro” apropriado para uma distinção, sem dúvida, era o muçulmano.⁴⁵ Em 1492, a sociedade castelhana finalmente tinha conseguido eliminar seus dois inimigos internos seculares: no mesmo ano que tomaram Granada, os “Reis Católicos” expulsaram os judeus.

Na conquista de México-*Tenochtitlán*, o problema foi que essa alteridade acabou por inflamar ainda mais o espírito de cruzada dos primeiros conquistadores, principalmente após a guerra ser declarada. Antes mesmo do início dos combates, os nativos já eram identificados como inimigos do cristianismo e súditos do demônio:

(...) puedan ser punidos y castigados como enemigos de nuestra santa fe católica, y será ocasión de castigo y espanto a los que fueren rebeldes en venir en conocimiento de la verdad, y evitarse han tan grandes males y daños como son los que en servicio del demonio hacen.⁴⁶

Apesar dos conquistadores admirarem o grau civilizacional atingido pelos mexicas (arquitetura, vestuário, comportamento, etc.), em um aspecto os nativos ainda eram abomináveis: sua religião idólatra.⁴⁷ Desse modo, os conquistadores viam o “outro” “ora como ‘infiel’ (o ‘outro’ conhecido e rejeitado) ora como gentio (o ‘outro’ desconhecido, mas nem por isso menos hostilizado)”.⁴⁸

Ao longo da conquista do Novo Mundo, a demonização da cultura ameríndia muitas vezes foi realizada,⁴⁹ ingrediente fundamental para a manifestação do espírito de cruzada. A demonização dos inimigos, particularmente dos muçulmanos, era uma característica cruzadística medieval, como na Reconquista da Hispânia, onde os cristãos ibéricos atribuíam aspecto demoníaco aos mouros.⁵⁰

Certamente, o nível civilizacional atingido pelos mexicas não foi tratado negativamente pelos “espanhóis”, mas somente se ele ameaçasse o propósito hispânico: a anexação política. O principal problema na identificação negativa dos mexicas aos mouros e/ou judeus não é civilizacional, mas outro, religioso. A religião cristã – intolerante e universalista⁵¹ – diante da idolatria mexica (considerada diabólica) fortaleceu posteriormente para desencadear os eventos

bélicos, incentivando ainda mais o espírito cruzadístico dos “espanhóis”.

Com o estabelecimento pacífico (novembro de 1519) das tropas da aliança hispano-*tlaxcalteca* dentro da capital mexica, *Tenochtitlán*, o objetivo dos conquistadores e religiosos, horrorizados com as práticas sacrificais, era substituir a idolatria pelo cristianismo e converter Montezuma (1468-1520), o *tlatoani* (governante) mexica.

Após o aprisionamento de Montezuma (acusado de planejar um ataque contra os “espanhóis” no litoral), Cortés tentou transferir os domínios do *tlatoani*, pacificamente, ao Imperador Carlos V (1519-1558). Meses depois, com a chegada de Pânilo Narváez (c. 1470-1528), o enviado por Diego Velázquez (1465-1524) para punir a não-subordinação de Cortés, o capitão deixou a capital mexica rumo ao litoral.

Nesse meio tempo, Pedro Alvarado (c. 1495-1541), o encarregado de comandar os “espanhóis” em *Tenochtitlán*, tomado pelo medo, ordenou o extermínio de um grande número de sacerdotes e guerreiros indígenas na festa de *Toxcatl* (festividade

⁴⁴ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e dança: os minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 97.

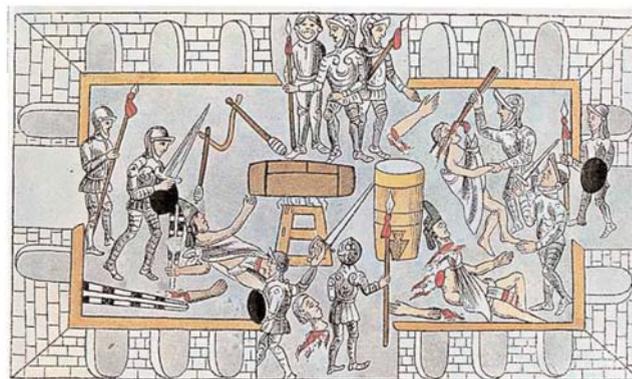
⁴⁵ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 63.

⁴⁶ CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 22.

⁴⁷ Inicialmente, Cortés e os outros “soldados-cronistas” admiraram a civilização mexica. No entanto, segundo Janice Theodoro (citando Manuel Alcalá), trata-se de uma exceção, pois o deslumbramento da cultura encontrada “o tono de admiración y amor por la nueva tierra, que es la tónica de las dos primeras cartas, deja aquí el paso al odio y la violencia” – THEODORO, Janice. *América Barroca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 181; ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. XVIII. De fato, trata-se de um processo que demonizou (principalmente a partir do início da guerra) a cultura (especialmente a religião) mexica.

⁴⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Colonialismo e Idolatrias: Cultura e Resistência Indígenas no Mundo Colonial Ibérico*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Vol. 11, número 21, set. 90/fev. 91, p. 102-103.

⁴⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno*



A “Matança no Templo Maior”, em *Tenochtitlán*. Imagem da *Historia de las Indias de la Nueva España* ou *Códice Durán* (1579-1581), manuscrito produzido pelo dominicano Diego Durán (c. 1537-1588). Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7d/Matanza_temple2.jpg

religiosa dedicada a *Huitzilopochtli*, principal deus mexica), no massacre que ficou conhecido como a “Matança no Templo Maior” (maio de 1520).⁵² Foi então que a guerra estourou.

Desde a primeira entrada em *Tenochtitlán*, os conquistadores acreditavam que a Providência – a suprema sabedoria com que Deus conduz todas as coisas – os encaminhava para penetrar em uma cidade tão poderosa: “*Nuestro Señor Jesucristo fue servido darnos gracia y esfuerzo para osar entrar en tal ciudad*”.⁵³ O medo de serem vítimas do canibalismo, do sacrifício, ou traídos e mortos – eram poucos conquistadores contra milhares de nativos – fez com que os “espanhóis” reagissem brutalmente a qualquer ameaça. A conquista da civilização mexica confere aos conquistadores a posse do território e um propósito à ocupação.⁵⁴

Se antes da guerra começar, os mexicas já eram assimilados (em termos religiosos) negativamente

atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 30.

⁵⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p.

⁵³; FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003, p. 221-253.

⁵¹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 102; BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 541.

⁵² SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e altepetemes mesoamericanos na primeira metade do século XVI*. In: *XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina, 2005, p. 05. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/ConqMex.pdf>>.

⁵³ DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 88, p. 161.

(súditos do demônio, inimigos do cristianismo, etc.), a partir da “Matança no Templo Maior” os nativos foram equiparados inteiramente aos “infiéis” – deveriam ser combatidos numa “guerra total”. Assim, os mexicas foram hostilizados quando aproximados com os tradicionais adversários, pois carregavam os habituais defeitos dos mouros e judeus: eram pérfidos, lascivos e sodomitas.⁵⁵ Por exemplo, o medo do astrólogo que acompanhava a expedição cortesiana, Botello (†1520), consistia em “*morir aqui en esta triste guerra en poder de estos perros indios*”,⁵⁶ um tratamento semelhante aos encontrados na lembrança rancorosa dos cronistas do século XVI, na qual os mouros ainda eram descritos como os “*pérfidos enemigos de la religion cristiana*” ou “*canes rabiosos*”.⁵⁷

Essa profusão de adjetivos pejorativos contra os mexicas era empregada como forma de estereotipar e insultar o inimigo,⁵⁸ não sendo uma tradição exclusivamente ocidental.⁵⁹ Nessa perspectiva, os compiladores da *Primera Carta* acusaram (ainda no início da expedição) os índios de sodomia, insinuação tradicionalmente utilizada contra os mouros:

(...) hemos hecho relación a vuestras majestades de los niños y hombres y mujeres que matan y ofrescen en sus sacrificios, hemos sabido y sido informados de cierto que todos son sodomitas y usan aquel abominable pecado.⁶⁰

Da mesma forma, as crônicas acusaram os nativos de blasfêmia, típica denúncia encontrada em algumas fontes medievais da Reconquista, que costumavam colocar o “outro” (o mouro), cercado pela ofensiva cristã, como um blasfemador da “verdadeira fé”,⁶¹ do nome de Cristo e da Virgem Maria:

(...) por quanto de los reniegos e blasfemias Dios Nuestro Señor es mucho deservido, y es la mayor ofensa que a su Santísimo Nombre se puede hacer, y por eso permite en las gentes recios y duros castigos (...)⁶²

Por blasfemar, o inimigo merecia “*duros castigos*”. Essa característica é fundamental, uma vez que demonstrava a resposta violenta tomada pelos conquistadores quando percebiam a negativa do cristianismo, o que validava então a ação cruzadística. Após uma guerra atroz, em treze de agosto de 1521 os conquistadores tomaram *Tenochtitlán* e assim ocorreu a capitulação final dos mexicas. Cortés fez uma simples analogia sobre a queda da cidade: “*murieron más indios que en Jerusalén judíos en la destrucción que hizo Vespasiano*”.⁶³

Através também do uso dos mencionados

arabismos, a assimilação da cultura indígena ao Islã rotulou de certa forma e em certa medida os mexicas entre os “infiéis” que os “espanhóis” haviam sempre guerreado e que lhes parecia justo conquistar “por bem ou por mal”.⁶⁴

Conclusão

O referencial conhecido foi necessário para expressar a alteridade, já que uma realidade exótica se descortinava aos olhos dos europeus. De fato, a comparação islâmica foi uma das analogias realizadas, no entanto, tratava-se da mais prestigiosa, mas também a mais perigosa, pois, desde a Idade Média, os mouros eram os inimigos por excelência do Altíssimo, de Maria, de Cristo e de seus santos.⁶⁵ As primeiras décadas de contato com o nativo americano muitas vezes foram marcadas por relevar uma alteridade perigosa que desaguaria em guerra.

Assim, segundo José Rivair Macedo, em muitos confrontos a alteridade foi expressa em uma identificação negativa com o “outro” já conhecido e mais odiado, principalmente o inimigo islâmico.⁶⁶ Pouco importava que efetivamente não se encontrasse nenhum mouro nessas terras; bastava enquadrar o nativo nos mesmos moldes,⁶⁷ pois durante a conquista de México-*Tenochtitlán*, os conquistadores estavam impregnados de um “perfume de cruzada”.

54 GREENBLATT, Stephen. *Poses-sões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 175.

55 TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 222-223.

56 DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 128, p. 258

57 PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954, p. 61-62.

58 FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 462.

59 Os mexicas, por sua vez, também usavam adjetivos pejorativos para ofender seus adversários, como, por exemplo, o termo *popolocas* (“bárbaros”): “Olhai os tlaxcaltecas perversos, covardes, mercedores de castigo: como se acham vencidos pelos mexicanos [mexicas], andam procurando forasteiros para se defenderem. Como mudaram em tão pouco tempo, como se rebaixaram para uma gente [os “espanhóis”] tão bárbara e forasteira, estrangeira, de um mundo não conhecido?” – LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Visão dos Vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998, p. 58.

60 CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 22-23.

61 COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 165.

62 CORTÉS, Hernán. *Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés en Tlaxcala, al tiempo de partirse para poner cerco a México*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*. México, D. F.: 1866. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/06922752100647273089079/p0000011.htm#51>>

63 CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta*, p. 96.

64 MARCUS, Raymond. *Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortés*, p. 138.

65 SÁNCHEZ ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de América*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Ibero-americana, 1983, p. 104-105.

66 MACEDO, José Rivair. *Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo*. In: ALVES, Francisco das Neves. (org.). *Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas*. Rio Grande, FURG, 2000.

* Artigo apresentado na IX Semana de História da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no dia 11 de novembro de 2009.